



UMA DÉCADA DE APRENDIZAGEM: EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS NA EDUCAÇÃO DE ESTUDANTES COM SURDOCEGUEIRA

GT 5: Educação e Psicologia

Trabalho completo

Roseli Ferreira da SILVA (Docente da rede estadual/ Programa de Pós-graduação em Ciências Naturais/UFMT)

roseli.silva@sou.ufmt.br

Fernando Augusto SILVA (Docente IFMT Campus Guarantã do Norte/ Programa de Pós-graduação em Ciências

Naturais/UFMT)

fernando.augusto@ifmt.edu.br

Resumo

Esta pesquisa tem por objetivo apresentar uma revisão sistemática de estudos sobre a inclusão de alunos surdoscegos e a atuação dos professores e equipe de profissionais, no âmbito escolar. Optou-se por pesquisas com o formato de artigos. Utilizou-se da base de dados do Portal de Periódicos CAPES entre os anos de 2013 a 2024. A metodologia é de natureza qualitativa e analítica. De início trazemos a definição sobre Surdocegueira e, posteriormente, esclarecimentos sobre os resultados encontrados na pesquisa. Conclui-se que as pessoas com surdocegueira congênita ou adquirida, possuem reais possibilidades de aprendizado nas diferentes áreas do conhecimento se devidamente assistidos.

Palavras-chave: Prática em sala de aula. Surdocegueira.

1 Introdução

O Grupo Brasil (2003) define a Surdocegueira como uma deficiência única, que apresenta perda auditiva e visual simultaneamente, em diferentes graus. A combinação dessas duas deficiências impossibilita o uso dos sentidos de distância (visão e audição), causa necessidades especiais de comunicação, acarreta dificuldade na conquista de metas educacionais, vocacionais, recreativas e sociais, para acessar informações e compreender o mundo.

Almeida (2008, p.27) acredita que a surdocegueira é uma “deficiência singular com distintos graus de perdas visuais e auditivas. Na classificação, não importa o tipo e a intensidade das perdas, mas sim a funcionalidade delas.

Realização





Diante do pensamento de Almeida (2008), a intensidade da perda dos canais sensoriais pode limitar a atividade da pessoa com surdocegueira e restringir sua participação em situações do cotidiano, cabendo à sociedade garantir-lhe diferentes formas de comunicação e Tecnologia Assistiva para que ela possa interagir com o meio social e o meio ambiente promovendo acessibilidade, mobilidade urbana e uma vida social com qualidade.

Outros autores tais como, Cambuzzi e Costa (2007), Galvão (2010), Falkoski e Maia (2020), também defendem a surdocegueira como única, não como a soma de dois comprometimentos sensoriais.

Watanabe (2017) relata que, quando as pessoas com surdocegueira possuem outras deficiências associadas a essa condição, ela passa a ser classificada como “Surdocegueira Plus”. Watanabe (2017, p.48) explica que a surdocegueira plus são “pessoas que nasceram ou que adquiriram surdocegueira e que apresentam associações como deficiência intelectual ou físico-motora e/ou autismo”

Consideramos necessário diferenciar a surdocegueira e surdocegueira plus da Múltipla Deficiência Sensorial (visual ou auditiva). Diante disso, Grupo Brasil (2008) considera pessoas com Deficiência Múltipla Sensorial-Visual (MDVI), quando há a Deficiência Visual (baixa visão ou cegueira) associada a uma ou mais deficiências (intelectual, física/ motora) ou a transtornos globais do desenvolvimento e distúrbios de comunicação e que necessita de programas que favoreçam o desenvolvimento das habilidades funcionais dessas pessoas, visando ao máximo de sua independência e uma comunicação eficiente; e são consideradas pessoas com Deficiência Múltipla Sensorial-Auditiva (MDHI) quando há deficiência auditiva ou surdez, associada à deficiência intelectual, ou a deficiência físico-motoras ou ambas, ou a Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD).

Tanto uma pessoa com Surdocegueira, Surdocegueira Plus como uma pessoa com Deficiência Múltipla Sensorial possuem as mesmas necessidades, pois não adquirem uma imagem real do mundo em que vivem e não podem aprender de imediato com as pessoas com quem convivem. A superação desta condição é possível tanto através de estimulações especializadas na maioria das vezes individualizadas como em um local apropriado.



Na sua classificação, existem dois tipos de Surdocegueira, a surdocegueira congênita e a surdocegueira adquirida. Batista (2021) menciona que a surdocegueira congênita é quando o indivíduo nasce ou adquire antes da aquisição de uma língua e a surdocegueira adquirida é considerada quando o indivíduo, por algum motivo, perde (parcial ou total) visão ou a audição após a aquisição de língua.

Quanto a Orientação e Mobilidade, sob a ótica de Giacomini (2008), é fundamental para pessoas com surdocegueira, pois está relacionada com o vínculo já estabelecido com o guia. Estes já combinados uma forma de aproximação, por meio de um toque no corpo, para reconhecê-lo ao chegar. Assim como a comunicação poderá acontecer por objetos de referência ou algumas das comunicações abstratas já mencionadas anteriormente. Com isso se sentirá mais confiável encorajada em diversas situações.

Para as pessoas com Surdocegueira a Orientação e Mobilidade significam mover-se de forma orientada aproveitando-se de todas as informações sensoriais disponíveis e facilitando o processo de comunicação com o seu entorno. Para que o deslocamento ocorra de forma segura e independente, a pessoa com surdocegueira utiliza-se das técnicas de guia vidente adaptadas, das técnicas de auto proteção, de bengala longa e pré-bengala. (Giacomini, 2008, pg. 15)

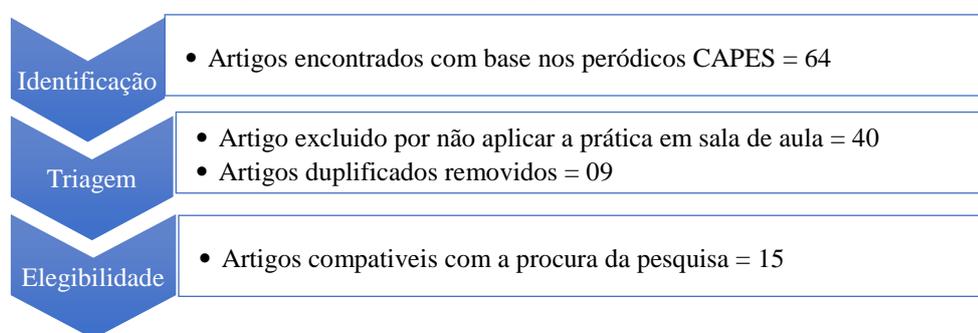
Em suma, mover de forma orientada e bem estruturada pode dar forte ênfase ao conceito de Orientação e Mobilidade. Diante deste quadro inicial, e dos desafios que se apresentam no contexto de sala de aula, a pergunta que buscaremos responder: quais são os trabalhos que apresentam práticas em sala de aula com alunos surdocegos?

2 Metodologia

No referido trabalho fez-se estudo qualitativo numa perspectiva bibliográfica (Prodanov, Freitas, 2013), por meio de um levantamento no Portal de Periódicos CAPES entre os anos de 2013 a 2024, fechando um ciclo dos últimos dez anos.

O descritor utilizado foi “Surdocegueira”¹. O objetivo foi avaliar como está sendo ofertado o processo de ensino e de aprendizagem às pessoas com Surdocegueira, tendo como foco a prática em sala de aula. Foram encontrados inicialmente 64 artigos, sendo incluídos segundo os critérios de elegibilidade. Nesse sentido, os critérios de inclusão foram artigos que trouxessem de forma exploratória a aplicação de tais propostas. Todavia, não fizeram parte da pesquisa os artigos com estudos voltados a outras abordagens. Conforme Figura 1, fomos fazendo filtros para obter os tipos de trabalhos que estamos interessados.

Figura 1 – Filtros realizados para a seleção dos trabalhos



Fonte: autoria própria

Os dados encontrados forneceram estimativa de solidez em relação a investigação o que permitiu uma análise da pesquisa com ênfase nos principais resultados, que serão apresentados e descritivamente a seguir, por intermédio de uma revisão sistemática qualitativa (Galvão; Sawada; Trevizan, 2004). E, conforme Figura 1, encontramos 15 trabalhos que discutem sobre a surdocegueira a partir de uma prática em sala de aula com alunos surdocegos.

3 Análise e discussão

Pode-se perceber que, de todos os artigos encontrados, todos foram realizados em escolas públicas e adotaram a abordagem qualitativa, dentre elas de cunho exploratório, descritiva,

¹ Utilizamos também o descritor surdo-cegueira (com hífen). Encontramos um trabalho que também foi contemplado, quando buscamos a palavra sem o hífen.



analítica, estudo de caso, bibliográfico, observação participante artificial e investigativa. Entendemos que essa realidade se deve ao acolhimento que deve ocorrer na educação em geral, porém, mais costumeiramente, nas escolas públicas, pois muitas escolas particulares costumam não oferecer a assistência necessária para este tipo de deficiência.

Além disso, vale destacar que entre os vários teóricos mencionados, dos trabalhos analisados, houve destaques para Shirley Rodrigues Maia, Fernanda Cristina Falkoski, Dalva Rosa Watanabe, Jean Piaget, Paulo Freire, Jan Van Dijk, porém o mais citado foi Lev Vygotsky.

Quanto as áreas do conhecimento e a quantidade de trabalhos, foram encontradas poucas variações como visto no Quadro 1.

Quadro 1 – áreas de conhecimento dos trabalhos analisados, por ano

	2013	2018	2020	2021	2022	2023
AEE	1					1
Artes		1				
Ciências					1	
Matemática			2	2		2
Pedagogia		1	2		2	1
Total	1	2	4	2	3	4

Fonte: Autoria Própria

Observando que a maioria dos trabalhos encontrados se localizam em práticas pedagógicas em geral, voltados para as mais diferentes possibilidades de comunicação. É justificável que a maioria dos trabalhos encontrados, na área do conhecimento, foram em pedagogia, uma vez que, esse campo é o que mais oferece uma variedade de métodos e estratégias, bem como a avaliação continuada das práticas educacionais cotidianas pertinentes à esse público.

Por conseguinte, os trabalhos obtidos na década de 2013 a 2024 demonstram em sua maioria serem bem recentes (a partir de 2018). Sendo o ano de 2020 e 2023 com mais trabalhos publicados.

Em relação aos objetivos dos trabalhos encontrados, em geral, eles permeiam a reflexão sobre o processo de ensino e aprendizagem de pessoas com surdocegueira e como funcionam a



construção do conhecimento no âmbito temático do cotidiano em atividades desenvolvidas nas salas de inclusão e do Atendimento Educacional Especializado (AEE).

A exemplo disso, em um dos artigos pesquisados sob o título *A comunicação aumentativa e alternativa para a aprendizagem: estudo de caso de um aluno com surdocegueira congênita* (Machado, Raggi, 2020), foi aplicado o processo de ensino aprendizagem a um aluno com surdocegueira congênita, por meio de estratégias pedagógicas contemplando a Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA).

Fundamentando na primeira função da linguagem, descrita por Vigotsky, a função comunicativa, com conotação de interação social, afetivo- conotativo. Portanto, refere-se também a primeira função da linguagem, a de intercambio social, onde a relação está mediada por instrumentos, por objetos concretos e uso do próprio corpo para transmitir a mensagem. (Cormed, 2011, p.69)

Assim como nos outros estudos, essa investigação foi realizada no contexto escolar com a finalidade de diagnosticar as necessidades do educando, respeitando o contexto cultural, suas habilidades e os interesses. Assim, apesar de estar na adolescência, o educando apresentava agravamento na comunicação e permanecia inerte. Os professores se sentiam angustiados e sem preparo, contudo depois da intervenção da CAA perceberam o desenvolvimento do estudante.

Foram utilizados objetos de referência para antecipar ações e representar lugares e pessoas, o calendário de atividades para estruturar a rotina e livros temáticos. Segundo Silva (2012, p.49) “[...] da mesma sequência de sinais, nas mesmas situações para que a criança assimile e consiga compreender e comunicar-se expressando sua vontade”.

A experiência contribuiu na ativação da memória e o raciocínio do estudante de forma resolver questões em outras disciplinas.

Segundo Vigotsky (2007), a criança por meio de situações e atividades passadas, liberta-se das limitações da lembrança direta; ela sintetiza, com sucesso, o passado e o presente de modo conveniente a seus propósitos.



Ademais, os trabalhos encontrados nas outras áreas do conhecimento, destacam que além da importância da rotina e da antecipação, há que se priorizar a construção do vínculo entre o estudante com surdocegueira e seu professor.

Além disso, outro exemplo pertinente está no artigo *A classificação no processo de construção do número: um estudo com uma aluna com surdocegueira congênita* (Aleixo, Grützmann, 2020), em que foi proposto o conceito de classificação no processo de construção do conceito de número para uma aluna com surdocegueira congênita.

Nesse caso, a pesquisadora usou alguns materiais industrializados, porém a maioria foram produzidos por ela. Usou cartelas com diversas palavras que estudante não conhecia, mas que tinham a inicial do nome da menina. Em seguida sinalizava todas as palavras. Por fim a estudante identificava em outras palavras a inicial de seu nome, com isso trabalhou-se a seriação, um dos outros seis conceitos propostos por Lorenzato (2011), pois o lugar onde a letra estava (início, meio ou fim) determinava se ela cumpria com a ordem dada na atividade. Com isso, a pesquisadora inseriu cartelas com números junto às letras para que a educanda fizesse a separação entre letras e números.

Segundo Rangel (1992):

[...] prossegue os seus “agrupamentos” fazendo alternância nos critérios pensados. É muito comum crianças pequenas realizarem alinhamentos contínuos ou descontínuos com objetos que possuem diferentes atributos como: cor, forma, tamanho etc. Nestes alinhamentos, observa-se que ela aproxima sempre um objeto de cada vez, ligando-os apenas ao último da série e não a todos já dispostos. Verifica-se que para cada ligação existe uma “pesquisa” de semelhança deste último elemento com o próximo a ser colocado (Rangel, 1992, p. 104)

Com a evolução da estudante a pesquisadora utilizou os Blocos Lógicos com formatos e cores diferentes, garrafas com tampas para seriação e classificação, imagens de frutas e de animais, por fim a estudantes mesmo sendo surdocega congênita conseguiu superar as



expectativas da pesquisadora separando cores, associando formas, agrupando frutas e bichos e outras imagens.

Por fim, um outro caso retirado do artigo *Aprendizagens e letramento: estudo de caso com uma criança com surdocegueira congênita* (Falkoski, Maia, 2021) de uma estudante surdocega em que a intervenção teve início em conhecer e entender como a família e a escola faziam a mediação das ações e se comunicavam. Isso se deu por meio do MAP's (atividades realizadas com os responsáveis para colher o máximo de informações sobre a estudante e dar início as atividades sob os anseios da família).

Por sua vez, a professora sabendo que a menina gostava de desenhar, sinalizava em sua mão e pedia para ela reproduzir no papel. Prosseguindo a professora usou cartelas com letras, pratos com areia, até conseguir voltar a atividade inicial com imagens para a estudante escrever os nomes, as quais conseguiu realizar.

Em suma, a pesquisa contribuiu para esclarecer que as intervenções ofertadas são assimiladas por esse público, desde que sejam planejadas, estruturadas e devidamente antecipadas, porém necessitam serem implantadas formações continuadas, da prática, para os professores atuantes conhecerem e compreenderem os aspectos que envolvem a surdocegueira para então pensar em atividades a serem propostas com os educandos.

4 Considerações

Conclui-se que as pessoas com surdocegueira congênita ou adquirida, possuem reais possibilidades de aprendizado nas diferentes áreas do conhecimento se devidamente assistidos

Apresentaram resultados positivos em todos os estudos, visto que, são indispensáveis ao desenvolvimento do surdocego a aplicação de recursos e estratégias de comunicação acessíveis e contextualizadas.

Contudo, ainda há escassez de profissionais qualificados para abordagem desses indivíduos, tanto no ensino regular(inclusão) como nas salas de recursos (AEE).



A pesquisa também revelou que os estudos sobre a surdocegueira desperta o interesse por poucas áreas do conhecimento. Em sua grande maioria são profissionais pedagogos ou matemáticos, diante disso faz-se necessário um maior fomento em pesquisas que deem visibilidade a esse público, mas, também, a um imprescindível investimento na contratações de mais recursos humanos para contribuir na construção de melhores resultados frente a uma aprendizagem mais satisfatória, uma vez que os professores necessitam refletirem suas práticas e traçar ações em colaboração.

Referências

ALEIXO, H. P.; GRÜTZMANN, T. P. A classificação no processo de construção do número: um estudo com uma aluna com surdocegueira congênita. **Educação Matemática Pesquisa Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 542-572, 2020. DOI: 10.23925/1983-3156.2020v22i2p542-572. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/emp/article/view/47827>. Acesso em: 23 set. 2024.

ALMEIDA, Célia Aparecida Faria. **A aquisição da linguagem por uma surdocegapré-linguística numa perspectiva sociocognitivo-interacionista**. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

BATISTA, Adryaana Kleyde Henrique Sales. **O currículo funcional no contexto da Surdocegueira**. 2021. Curitiba: Appriz, 2021.

CORMEDI, Maria Aparecida. **Alicerces de significados e sentidos: aquisição de linguagem na surdocegueira congênita**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Paulo, 2011.

FALKOSKI, Fernanda Cristina; MAIA, Shirley Rodrigues. **Surdocegueira Congênita: comunicação com o uso de recursos de comunicação alternativa**. Curitiba: CRV, 2020.

_____. **Aprendizagens e Letramento: estudo de caso com uma criança com Surdocegueira Congênita**. v. 3 n. 3. VI Seminário Nacional de Educação Especial/XVII Seminário Capixaba de Educação Inclusiva. Vitória, Espírito Santo. 2021.

GALVÃO, C. M.; SAWADA, N. O.; TREVIZAN, M. A. Revisão sistemática: recurso que proporciona a incorporação das evidências na prática da enfermagem. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v.12, n.3, p. 549-556, 2004.



GIACOMINI, Lilia. **Análise de um programa: “Passo a Passo” Orientação e Mobilidade para pessoas Surdocegas.** Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008

GRUPO BRASIL **Manual informativo: Ensinando à criança surdocega: manual para pais e professores.** São Paulo Ahimsa, 2006.

GRUPO BRASIL **Manual informativo: Iniciando a comunicação com a criança surdocega.** Ahimsa/ Perkins/2003.

LORENZATO, S. **Educação Infantil e percepção matemática.** 3. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

MACHADO, E.M.C.; RAGGI, D.G. A comunicação aumentativa e alternativa para a aprendizagem: estudo de caso de um aluno com surdocegueira congênita. **Kiri-kerê: Pesquisa em Ensino**, n.9, dez. 2020.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

RANGEL, A.C.S. (1992). **Educação matemática e a construção do número pela criança.** São Paulo: Artes Médicas.

SILVA, A. M. de B. **Heldy meu nome: rompendo barreiras da surdocegueira.** São Paulo: Hagnos, 2012

VIGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WATANABE, Dalva Rosa. **O estado da arte da produção científica na área da surdocegueira no Brasil de 1999 a 2015.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo São Paulo, 2017.